**BABILÕNIA ESCRAVA E JERUSALÉM LIBERTA EM ISAÍAS 47.1-4 E 52.1-2**

**Introdução**

Sabemos que as ideologias se manifestam nos tecidos sociais. Não há ideologias fora de um grupo ou comunidade. As ideologias distinguem e definem grupos. Temos ideologias hegemônicas e ideologias subalternas. Elas criam complexos sistemas simbólicos, como veremos em Isaías 47.1-4 e Isaías 52.1-2. Elas condensam ideias sociais e servem como filtros para leitura da realidade. Isso quer dizer que ideologias não são necessariamente falsas (cf. Marx), embora sejam utilizadas para imprimir outras perspectivas, partidárias e hegemônicas. Não podemos esquecer que, no caso dos textos bíblicos, o conceito de “cânon” sobrepõe-se à análise da ideologia e que é necessário um método de análise que supere a pressão traditiva para a interpretação bíblica.

Antes de nos adentrarmos nos fios ideológicos que permeiam os textos proféticos, tomemos as contribuições de Eagleton (1994) e de Umberto Eco (2013) para tentarmos estabelecer uma definição para ideologia que caiba o melhor possível nas sociedades de que falam os textos proféticos. Trata-se de uma trama complexa de ideias e crenças, verdadeiras ou falsas, que simbolizam as condições e experiências vitais de um grupo ou classe específica e socialmente significante. Este conceito é receptivo para falar de sociedades de “classes” (cf. Marx) e aberto o bastante para tratar de grupos de ou com interesses, sem submetê-los à categoria hegemônica. Ele ainda nos auxilia a evitar anacronismos na análise dos textos bíblicos e nos permite analisar não apenas o mundo dos autores, mas também o dos leitores a quem o texto é dirigido.

**Contexto e Subtexto**

Um texto é feito de camadas. E na medida em que o leitor penetra nessas camadas, ele vai percebendo que o texto tem direções, e que ele pode ler na horizontal e na vertical. Ler na horizontal é ler o óbvio, a superfície, aquilo que está escancaradamente aparente. Ler na vertical é ir fazendo o papel de detetive, descobrindo cada ponto que forma aquela trama, como afirma Celso Sisto (2016). Trata-se realmente de uma trama, literalmente o texto é um tecido. Geralmente modo, podemos identificar três camadas de um texto: a aparente (texto); aquilo que está escondido no que é aparente (subtexto); e aquilo que se relaciona com o texto, mas que pode estar fora do texto (contexto). Se a ideologia percebe tramas da realidade expressas nos textos, os subtextos carregam subtramas dessa percepção social.

A noção de subtexto vem do teatro. Ao pensarmos no que se diz e no que se mostra na cena, abrimos espaço, simultaneamente, para aquilo que não é dito e nem mostrado, mas que se pode perceber, intuir, prever, porque também está ali o tempo todo, ainda que de modo oculto. Podemos encarar o subtexto como um fluxo que corre paralelo ao texto, um “conglomerado textual” (SISTO, 2016) que está repleto de impulsos e motivações, que levam ao texto, que levam àquelas palavras escritas ou ditas ali. Então, o subtexto de um texto também é essa rede de relações, de causas, de possíveis efeitos, de reflexões que justificam, de modo interno, tudo o que acontece em um texto e tudo o que constrói a superfície do mesmo (SISTO, 2016).

Desta forma, textos em geral e os textos bíblicos em particular, releem a sociedade como representações ou espelhos da sociedade. Alguns métodos literários tentam ler tais subtramas de sentido nos textos, que compõe o todo do sentido. Pressupõe-se que não é só o autor que produz o significado do texto, mas também os seus leitores. A retórica profética canônica pressupõe o universo de saber dos destinatários. Como disse Umberto Eco (2013, p. 84), a ideologia comunica em códigos o sistema de expectativas psicológicas, atitudes mentais, experiência adquirida e princípios morais. Estão implícitas, portanto, subtramas de sentido em cada texto. Vejamos. Agora, a aplicação desses conceitos.

**Da mulher escrava de Babilônia à mulher liberta de Jerusalém**

No Dêutero-Isaías, ao qual pertencem os versos 47.1-4 e 52.1-2 que passamos analisar, surge uma luz no horizonte. Ciro, rei da Pérsia, torna-se cada vez mais poderoso. Isso representa a possibilidade de derrota da Babilônia e do fim do exílio do povo judeu. Renasce então a esperança dos exilados que vê em Ciro o ungido de Javé, aquele por meio do qual será libertado o seu povo. A libertação é a manifestação de Javé perdoando os pecados que haviam causado o exílio. O imperador da Pérsia é considerado o ungido, o messias, o amigo que Javé toma pela mão para assegurar a vitória diante dos inimigos de seu povo (NAKANOSE & PEDRO, 2014).

Os capítulos 40-55 são conhecidos como o “Livro da Consolação de Israel”, devido às suas palavras iniciais: “Consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor”. O tema do consolo introduz a esperança de libertação do exílio e a preocupação de Deus com os exilados (SCHOKEL & SICRE, 1988). Mas em que consiste a consolação? O livro responde em duas etapas: a primeira (capítulos 40-48) nos diz que consiste na libertação do jugo babilônico e no regresso á terra prometida, uma espécie de segundo êxodo. A segunda parte (capítulos 49-55), fala-nos da reconstrução e restauração de Jerusalém (SCHOKEL & SICRE, 1988). Este é o contexto. As duas perícopes de Isaías se distribuem exatamente nessas duas partes. Mas qual é o subtexto que exprime uma forte subtrama daqueles versos?

Subtramas ideológicas surgem nos chamados ‘oráculos contra as nações’ nos textos proféticos. Lidando com complexas tramas de sentido, o profeta profere julgamento sobre outros povos, com severas implicações. Ele fantasia o sofrimento alheio e a derrota dos estrangeiros nas coleções de oráculos. O profeta utiliza do escárnio como provocação em um ambiente de batalha. Na literatura profética, escarnecem-se nações inimigas para afrontá-las. A mesma linguagem era utilizada como incentivo aos membros de um exército libertador, mesmo em forma figurada como em Isaías 47.4. Uma ideologia étnica que pode ser encontrada nos textos proféticos tem uma face xenófoba, que fantasia com o sofrimento estrangeiro e escarnece seus opositores, enquanto reafirma sua fé.

É exatamente isso que percebemos em Isaías 47.1-4 e Isaías 52.1-2. Trata-se de subtextos que expressam uma forte subtrama focada na mulher como a vítima mais sofrida das guerras daquela época. Ela sofria todo tipo de violência, eram escravizadas, separadas de seus filhos, estupradas. A sociedade patriarcal, retratada nos textos bíblicos, colocava a mulher em uma situação inferior ao homem, e a mulher escrava em uma situação verdadeiramente degradante. Aquela ideologia bélica utilizava a metáfora da mulher escravizada para ilustrar conquistas e derrotas militares. Babilônia está com seus dias contados:

(1)Desce, e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia; assenta-te no chão; já não há trono, ó filha dos caldeus, porque nunca mais serás chamada a tenra nem a delicada. (2) Toma a mó, e mói a farinha; remove o teu véu, descalça os pés, descobre as pernas e passa os rios. (3) Apareça sua nudez, e seja visto o teu opróbrio; tomarei vingança, e não pouparei a homem algum. (4) O nosso redentor cujo nome é o Senhor dos Exércitos, é o Santo de Israel. ([Isaías 47:1-4](https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/47/1-4)).

Verbos e locuções verbais expressam a degradação da filha virgem que personifica aqui o Império Babilônico: *desce, assenta-se no pó, assenta-se no chão*. Este Império perderá a delicadeza dessa virgem e voltará à escravidão: *toma a mó, mói a farinha*. Perderá sua liberdade: *descalça os pés, descobre as pernas e passa os rios*. Será estuprada: *a tua vergonha se descobrirá, e ver-se-á o teu opróbrio*. Nos versos de 1 a 3, temos a primeira série de imperativos (três e seis). A soberana que traz o título nacional de capital dos caldeus deve ocupar-se dentro em breve com trabalhos de escravas, exposta à vergonha. (SCHOKEL & SICRE, 1988).

No verso 4, o título cósmico de “Senhor dos Exércitos” é clássico; “Santo de Israel” é o favorito de Isaías; “Redentor” é frequente em nosso autor. A “vingança” é ato de justiça vingativa, para o resgate das escravas. Babilônia será vingada pelos anos do exílio e do sofrimento e isso será feito em nome do Deus dos exilados, Javé, chamado pelo Dêutero-Isaías significativamente de “Senhor dos Exércitos”, mais uma alusão à linguagem bélica para escarnecer o opressor.

A “virgem filha” é uma expressão frequente nos profetas para designar uma cidade ou um país personificados, como em Isaías 23. 12: “a Virgem, filha de Sião”; Isaías 23. 12: “ó virgem oprimida, filha de Sidônia”; e Jeremias 46. 11: “virgem, filha do Egito”. O poema de Isaías 47. 1-4 é um *qîna*, ou seja, lamentação em ritmo dessimétrico. É o único exemplo no Dêutero-Isaías de um desses oráculos contra as nações que se encontram nos demais profetas; mas seu estilo lembra os oráculos de castigos contra a própria Jerusalém.

Já em Isaías 52. 1-2, os papéis são invertidos. Agora, o profeta se refere a Jerusalém, também personificada na mulher escrava, prestes a se libertar do jugo babilônico. O julgamento cumpriu-se na ruína de Jerusalém, por isso o tempo da restauração está próximo:

(1)Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupas formosas, ó Jerusalém, cidade santa, porque nunca mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo. (2) Sacode-te do pó, levanta-te, e assenta-te, ó Jerusalém: solta-te das cadeias de teu pescoço, ó cativa filha de Sião. (Isaías 52. 1-2).

As figuras aqui utilizadas possuem justamente um sentido contrário quando se referiram antes à Babilônia. Em vez de “desce”, agora *“desperta”* e *“assenta-te”.* Em vez de “assentar-se no chão e no pó”, agora *“sacode-te do pó”.* Em vez de “não ser chamada tenra e delicada”, agora *“veste-te das tuas roupas formosas”.* Jerusalém aparece ainda como mulher cativa e como cidade, mas prestes a ser libertada. Como mulher, queixa-se da falta de filhos; como cidade, queixa-se das suas ruínas (capítulo 54), como afirma Schokel & Sicre (1988). Ambas as coisas serão superadas, graças ao sofrimento do Servo de Javé, figura que não está no escopo deste trabalho.

Em uma linguagem feminina, a cidade entorpecida devia despertar e começar a compreender; agora, tem de levantar-se, assear-se e vestir-se. A mudança de vestido inaugura uma etapa alegre e gloriosa. A nova era é a era da liberdade recuperada após a escravidão de uma escrava de guerra. Sião vai recuperar seu caráter sacro: incircuncisos e impuros foram, sobretudo, os inimigos que a invadiram e arrasaram: “profanaram a sua habitação”, “profanaram o seu santo templo” (Salmos 74. 7; 79. 1); Jerusalém é a cidade santa (Isaías 48. 2).

**Considerações finais**

A escravidão dos prisioneiros de guerra seguia um padrão mais ou menos comum nas civilizações antigas. Mas, de acordo com o modelo dominante de uma sociedade patriarcal, as mulheres sempre foram as maiores vítimas das guerras nos templos bíblicos. Eliseu acusa Hazael de pretender rasgar o ventre das mulheres grávidas em Israel (2Rs 8.12). Além da escravidão, elas eram estupradas (e nisso não se difere muito dos tempos modernos). Até mesmo o estupro era utilizado no texto bíblico como castigo para escravas. Exatamente nesse contexto da ideologia bélica, alguns textos proféticos utilizam a metáfora da mulher escravizada para ilustrar a condição de um povo dominado por algum império. Trata-se de um subtexto que será sobejamente utilizado pelos profetas e pelos grupos proféticos a partir do final do exílio, após a ascensão de Ciro, como em Isaías 47.1-4 e 52.1-2, que retratam Babilônia e Jerusalém (ou Sião) como figuras femininas, a primeira prestes a ser escravizada e a segunda, prestes a se libertar do jugo estrangeiro.

**Referências**

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2001.

EAGLETON, T. Ideology. New York: Logman, 1994.

ECO, U. A Estrutura Ausente. São Paulo: Perspectiva, 2013.

NAKANOSE, Shigeyuki & PEDRO, Enilda de Paula. Como ler o Segundo Isaías (40-55); da semente esmagada brota nova vida. São Paulo: Paulus, 2014.

SCHOKEL, L. Alonso & J. L. SICRE. Profetas I (Isaías e Jeremias). São Paulo: Paulus, 2012.

SISTO, Celso. A leitura além do óbvio: subtexto, texto, contexto (2017). Disponível em <<http://www.mundoleitura.com.br/2016/04/a-leitura-alem-do-obvio-subtexto-texto-contexto/>> Acessado em 03.09.2017.